



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

| | |
|--------------------------------------|--|
| Autor/editor: Helen Hester | Cód.: |
| TÍTULO: What is Xenofeminism? | Data da ficha: 5 de Julho 2018 |
| Editora: Polity | |
| Ano: 2018 | |
| ISBN: 978-1509520633 | |
| Páginas: 140 | |

1. Observações sobre o conteúdo:

1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Hester traz à discussão o livro de Shulamith Firestone *The Dialectic of Sex* (1970), onde a última analisa o papel que várias tecnologias humanas desempenharam no controlo e ordenação da natureza, entre elas o mecanismo cultural que determina a distribuição de tarefas reprodutivas e os aparelhos que tornam o trabalho reprodutivo mais eficaz. Firestone diz-nos que, na procura de relações de género mais justas, devemos colocar estas tecnologias da reprodução ao serviço da igualdade, minimizando o risco da gravidez, a dor do parto e, sendo possível, fazer com que as mulheres não sejam inteiramente responsáveis por todo o processo. Desta forma, a autora propõe que coloquemos a tecnologia ao serviço do ativismo feminista (“an activist tool”).

O Xenofeminismo (XF) nasce então desta noção de que devemos olhar ao modo como a tecnologia ajuda a perpetuar e a problematizar certas assimetrias sociais. Hester diz-nos, por exemplo, que um dos âmbitos de intervenção do XF é o modo como, na era digital, a informação, aparentemente etérea, é produto de relações materiais concretas, muitas vezes brutais (refere, por exemplo, as condições desumanas em que trabalham os operários que produzem os componentes dos nossos computadores). No seu manifesto xenofeminista, Laboria Cuboniks avalia o papel de tecnologias tão mundanas como os electrodomésticos e tão sofisticadas como softwares open-source, sistemas de ciber-segurança e automação pós-industrial. Estes instrumentos podem servir tanto para oprimir os trabalhadores como para ampliar as possibilidades do feminismo. A tecnologia não é, evidentemente, sempre benéfica, mas

também não é sempre um instrumento de opressão; a sua aplicação depende sempre das estruturas sociais e políticas que lhe estão subjacentes.

O “tecnomaterialismo” do XF pretende opor-se a certos essencialismos do ecofeminismo, nomeadamente a ideia de que a “natureza” é o limite último dos horizontes emancipatórios, a noção de que existe de facto um substrato imutável sobre o qual se disputam significados e interpretações. Para as xenofeministas a natureza é, ela própria, plástica e parte integrante do aparato tecnológico, sempre em transformação, que orienta as nossas vidas. Para Firestone, as novas tecnologias reprodutivas (entre elas, mas não exclusivamente, a “ectogénese”, o desenvolvimento do feto fora do corpo da mulher) podem finalmente pôr fim à opressão das “impregnáveis”, mitigando, ou eliminando, o risco e a dor. O xenofeminismo opõe-se então à visão ecofeminista de que a tecnologia rouba às mulheres a sua natural capacidade produtiva. Maria Mies e Vandana Shiva, cuja posição as xenofeministas criticam, dizem que a gravidez tem o seu quê de “selvagem” (“wild”), e que essa espontaneidade e imprevisibilidade devem ser preservadas. As xenofeministas defendem que a tecnologia dá um maior controlo às mulheres sobre o seu corpo e sobre o processo da gravidez. Na sua opinião, as ecofeministas erradamente celebram a sua própria alienação pelas mãos da natureza. Parece-lhes caricata esta veneração romântica da incerteza, acima de tudo num contexto em que é a saúde das mulheres que está em causa. Da perspetiva, acima de tudo, de pessoas queer, transgénero ou “diferently-abled”, insistir na imutabilidade da natureza não faz qualquer sentido. A biologia não deve ser vista de uma forma fatalista: pode e, acima de tudo, “deve” ser transformada de modo a abolir as diferenças de poder entre os sexos. Como nos diz Nina Power (com uma “refrescante contundência”, nas palavras de Hester), as diferenças entre os sexos são reais: homens e mulheres têm diferentes capacidades físicas. No entanto, como nos diz Firestone, do mesmo modo que a revolução socialista pretende não só acabar com o “privilégio” de classe mas com a “diferença” entre as classes, o objetivo do feminismo deve ser abolir os géneros. XF posicionam-se inclusivamente contra ativistas transgénero que dizem que ser trans não pode ser visto como uma escolha – XF veem esta posição como um “naturalismo estratégico”. Não se trata de tentar criar um mundo “sem género” mas de acabar com os binarismos e multiplicar as diferenças e as contradições. Hester clarifica que a ideia não é ter um menu, como o do Facebook, com vários tipos de género que possamos escolher (“um pluralismo estático”); o que se pretende é anular as ramificações sociais ligadas à hierarquia da heterossexualidade e fazer com que “nenhum” tipo de identidade sexual possa ser tido como estável e fácil de demarcar.

1.2. Palavras-chave:

Natureza; Tecnologia; Gravidez; Eco-feminismo; Tecno-materialismo; Transgénero; Queer; Abolição do Género; Cyber-feminismo;

Para citar esta ficha de leitura:

João Paulo Guimarães (2018), ficha de leitura do livro: Hester, Helen. *What is Xenofeminism?* Cambridge: Polity, 2018.